

PROJETO “RUMOS DA INDÚSTRIA PAULISTA”**BALANÇO DE 2014 E EXPECTATIVAS PARA 2015 E EM RELAÇÃO AO GOVERNO**

Dezembro/2014

SUMÁRIO

Esta pesquisa analisou três temas para a indústria paulista: (a) a avaliação do 2º semestre de 2014 e as expectativas para 2015 com relação aos negócios da empresa; (b) as expectativas das empresas em relação ao novo governo federal (segundo mandato da Dilma Rousseff e mudanças de sua equipe e no congresso); (c) o aumento dos custos de eletricidade e seu impacto sobre a produção. Seguem abaixo os principais resultados.

O 2º semestre de 2014 foi bastante negativo para a indústria paulista, com queda de produção, vendas e exportações na maioria das empresas. As expectativas para o 1º semestre de 2015 oscilam entre a estabilidade e a queda de produção, vendas e exportações. No entanto, chama atenção o fato de que um quinto das empresas se declarou bastante pessimista, pretendendo reduzir sua produção e seu quadro de empregados em 2015.

Em relação ao novo governo, a principal crença é a de que o rumo do país mudará pouco ou não mudará, mas que, mesmo assim, o novo governo terá impacto (positivo ou negativo) sobre os negócios da empresa. Isso contrasta com a pesquisa realizada em janeiro de 2011, quando, apesar de pequeno, o efeito da mudança de governo parecia ser mais esperado sobre o rumo do país que sobre a empresa. Ademais, as empresas estão agora esperando maior aumento da carga tributária (encarecendo energia elétrica, combustíveis e até a folha de pagamentos) e redução de incentivos para investimentos fixos e inovação. Quanto ao crédito, boa parte das empresas não sabe qual atitude esperar do novo governo.

Apesar dos gastos de energia elétrica representarem até 7,5% dos custos finais dos produtos da maioria das empresas que responderam a pesquisa, parte significativa vem sentido um forte aumento de preço da eletricidade, levando a algum impacto sobre o volume produzido.

SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar o desempenho das indústrias paulistas no 2º semestre de 2014 e as perspectivas com relação a seu desempenho em 2015, ademais de levantar as expectativas das empresas com relação ao novo mandato da presidente, além das mudanças na câmara, no senado e de ministros. Os dados foram coletados entre os dias 01 e 15 de dezembro de 2014 com 424 indústrias do Estado de São Paulo

O porte das empresas é composto por:

- Micro/Pequenas (até 99 empregados): 59,4% (252 empresas);
- Médias (de 100 a 499 empregados): 32,1% (136 empresas);
- Grandes (500 ou mais empregados): 8,5% (36 empresas).

BALANÇO DE 2014 E EXPECTATIVAS PARA 2015

O 2º semestre de 2014 foi pior que o 2º semestre de 2013 para 58,2% das empresas, igual para 21,0%, melhor para 19,6% e o restante não respondeu a questão. Na divisão por porte, as empresas de pequeno porte são que mais consideram que o 2º semestre foi pior (60,3% das pequenas ante 55,2% das médias e 55,5% das grandes). Quando comparamos com a mesma pergunta de pesquisas realizadas em dezembro de 2009 a dezembro de 2014, temos que o percentual de empresas que consideram que o 2º semestre foi pior que o do ano anterior é o maior da série.

Tabela 1: Desempenho do 2º semestre de 2014 em relação ao 2º semestre de 2013 – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Melhor	17,1%	25,0%	16,7%	19,6%
Pior	60,3%	55,2%	55,5%	58,2%
Igual	21,0%	19,1%	27,8%	21,0%
Não respondeu	1,6%	0,7%	0,0%	1,2%

Tabela 2: Desempenho do 2º semestre em relação ao 2º semestre do ano anterior – série histórica

	2º sem 2009	2º sem 2010	2º sem 2011	2º sem 2012	2º sem 2013	2º sem 2014
Melhor	42,5%	63,8%	35,2%	30,2%	37,3%	19,6%
Pior	32,6%	14,1%	41,4%	44,3%	33,5%	58,2%
Igual	19,2%	19,3%	21,1%	23,9%	28,7%	21,0%
Não respondeu	5,7%	2,8%	2,3%	1,6%	0,5%	1,2%

O volume de produção teve queda ou queda acentuada no período para 58,7% das empresas, foi igual para 21,5% e teve aumento ou aumento acentuado para 18,6%. Quanto às vendas no mercado interno, elas apresentaram queda ou queda acentuada para 59,6% das empresas, apresentaram aumento ou aumento acentuado para 18,9% e foram iguais para 18,9%. As exportações apresentaram queda ou queda acentuada para 50,3% das empresas exportadoras, foram iguais para 30,2% e apresentaram aumento ou aumento acentuado para 19,5%.

Tabela 3: Desempenho do 2º semestre de 2014 em relação ao 2º semestre de 2013 – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Volume de produção				
Queda acentuada	21,0%	14,0%	16,7%	18,4%
Queda	39,3%	41,9%	41,7%	40,3%
Igual	21,0%	21,3%	25,0%	21,5%
Aumento	15,5%	19,9%	11,1%	16,5%
Aumento acentuado	1,6%	2,9%	2,8%	2,1%
Não respondeu	1,6%	0,0%	2,7%	1,2%
Vendas no mercado interno				
Queda acentuada	20,2%	17,7%	13,9%	18,8%
Queda	40,5%	40,5%	44,4%	40,8%
Igual	19,4%	15,4%	27,8%	18,9%
Aumento	14,3%	23,5%	11,1%	17,0%
Aumento acentuado	1,6%	2,9%	0,0%	1,9%
Não respondeu	4,0%	0,0%	2,8%	2,6%

Tabela 3: Desempenho do 2º semestre de 2014 em relação ao 2º semestre de 2013 – por porte -**Continuação**

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Exportações				
Queda acentuada	29,0%	7,1%	20,0%	18,3%
Queda	31,9%	27,2%	43,3%	32,0%
Igual	30,4%	31,4%	26,7%	30,2%
Aumento	7,2%	32,9%	10,0%	18,3%
Aumento acentuado	1,5%	1,4%	0,0%	1,2%
Não respondeu	-	-	-	-

Quando comparado com a mesma pergunta de pesquisas realizadas desde dezembro de 2009, temos que, tanto para o volume de produção quanto para as vendas no mercado interno, o percentual de empresas que tiveram queda ou queda acentuada no semestre (em relação ao mesmo semestre do ano anterior) em 2014 é o maior da série. No caso das exportações, o percentual de empresas exportadoras que indicaram queda ou queda acentuada só é inferior a 2009 (59,1% em 2009 e 50,3% em 2014).

Tabela 4: Desempenho do 2º semestre em relação ao 2º semestre do ano anterior – série histórica

	2º sem 2009	2º sem 2010	2º sem 2011	2º sem 2012	2º sem 2013	2º sem 2014
Volume de produção						
Queda acentuada	11,0%	3,7%	10,5%	12,5%	7,8%	18,4%
Queda	29,3%	12,6%	31,7%	32,5%	28,4%	40,3%
Igual	8,2%	17,5%	4,3%	23,7%	24,3%	21,5%
Aumento	33,7%	48,2%	30,1%	26,4%	34,1%	16,5%
Aumento acentuado	16,4%	15,6%	21,9%	2,8%	3,5%	2,1%
Não respondeu	1,4%	2,4%	1,5%	2,1%	1,9%	1,2%

Tabela 4: Desempenho do 2º semestre em relação ao 2º semestre do ano anterior – série histórica -**Continuação**

	2º sem 2009	2º sem 2010	2º sem 2011	2º sem 2012	2º sem 2013	2º sem 2014
Vendas no mercado interno						
Queda acentuada	9,3%	3,1%	11,3%	13,2%	10,3%	18,8%
Queda	28,5%	13,2%	33,9%	31,6%	24,9%	40,8%
Igual	8,2%	18,1%	3,5%	20,9%	21,9%	18,9%
Aumento	34,8%	43,8%	31,4%	26,2%	33,2%	17,0%
Aumento acentuado	16,4%	16,9%	17,1%	2,3%	5,1%	1,9%
Não respondeu	2,8%	4,9%	2,8%	5,8%	4,6%	2,6%
Exportações						
Queda acentuada	27,5%	13,7%	14,9%	15,5%	9,9%	18,3%
Queda	31,6%	26,0%	27,3%	27,3%	20,5%	32,0%
Igual	4,0%	26,0%	3,3%	33,0%	41,1%	30,2%
Aumento	16,8%	28,2%	17,5%	23,2%	25,2%	18,3%
Aumento acentuado	20,1%	6,1%	37,0%	1,0%	3,3%	1,2%
Não respondeu	-	-	-	-	-	-

Para o 1º semestre de 2015 em relação ao 1º semestre de 2014, as expectativas estão entre a estabilidade e a queda. Para o volume de produção, 39,1% acreditam que será igual, 36,3% das empresas esperam queda ou queda acentuada e 23,4% esperam aumento ou aumento acentuado. Quanto às vendas no mercado interno, 36,8% esperam queda ou queda acentuada, 35,6% acreditam que serão iguais e 23,8% esperam aumento ou aumento acentuado. Para as exportações, a expectativa é de estabilidade para 40,2% das empresas exportadoras, queda ou queda acentuada para 30,2% e aumento ou aumento acentuado para 29,6%.

Tabela 5: Expectativa para o 1º semestre de 2015 em relação ao 1º semestre de 2014 – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Volume de produção				
Queda acentuada	6,0%	8,1%	5,6%	6,6%
Queda	32,9%	25,0%	25,0%	29,7%
Igual	35,7%	43,4%	47,2%	39,1%
Aumento	23,4%	22,1%	22,2%	22,9%
Aumento acentuado	0,4%	0,7%	0,0%	0,5%
Não respondeu	1,6%	0,7%	0,0%	1,2%
Vendas no mercado interno				
Queda acentuada	5,6%	8,8%	8,3%	6,8%
Queda	31,7%	28,0%	25,0%	30,0%
Igual	32,5%	39,0%	44,5%	35,6%
Aumento	23,0%	23,5%	19,4%	22,9%
Aumento acentuado	1,6%	0,0%	0,0%	0,9%
Não respondeu	5,6%	0,7%	2,8%	3,8%
Exportações				
Queda acentuada	14,5%	2,9%	6,6%	8,3%
Queda	18,8%	22,9%	26,7%	21,9%
Igual	40,6%	41,4%	36,7%	40,2%
Aumento	24,6%	31,4%	30,0%	28,4%
Aumento acentuado	1,5%	1,4%	0,0%	1,2%
Não respondeu	-	-	-	-

Quando comparada com a mesma pergunta de pesquisas realizadas desde dezembro de 2009, temos que, para 2015, as empresas estão com as expectativas para o volume de produção e as vendas no mercado interno mais negativas da série. Para as exportações, o percentual de empresas que esperam queda ou queda acentuada para o 1º semestre do ano seguinte só não é superior ao esperado para o 1º semestre de 2011, quando o percentual também era de 30,2%.

Tabela 6: Expectativa para o 1º semestre em relação ao 1º semestre do ano anterior – série histórica

	1º sem 2010	1º sem 2011	1º sem 2012	1º sem 2013	1º sem 2014	1º sem 2015
Volume de produção						
Queda acentuada	0,0%	2,1%	2,5%	2,1%	4,1%	6,6%
Queda	5,5%	12,0%	26,9%	15,3%	19,7%	29,7%
Igual	12,3%	28,2%	3,0%	34,6%	38,1%	39,1%
Aumento	62,5%	49,1%	31,4%	42,4%	34,6%	22,9%
Aumento acentuado	18,9%	6,1%	33,4%	2,8%	2,2%	0,5%
Não respondeu	0,8%	2,5%	2,8%	2,8%	1,3%	1,2%
Vendas no mercado interno						
Queda acentuada	0,3%	1,5%	2,8%	2,6%	3,5%	6,8%
Queda	4,6%	11,7%	25,6%	14,4%	18,7%	30,0%
Igual	11,8%	26,7%	3,0%	32,0%	36,2%	35,6%
Aumento	62,2%	49,7%	30,6%	41,5%	34,6%	22,9%
Aumento acentuado	17,8%	4,6%	31,7%	3,0%	2,4%	0,9%
Não respondeu	3,3%	5,8%	6,3%	6,5%	4,6%	3,8%
Exportações						
Queda acentuada	6,0%	8,1%	5,2%	3,6%	4,6%	8,3%
Queda	15,3%	22,1%	20,3%	22,6%	15,1%	21,9%
Igual	4,7%	39,7%	1,9%	38,4%	48,0%	40,2%
Aumento	42,0%	27,9%	20,3%	34,9%	30,3%	28,4%
Aumento acentuado	32,0%	2,2%	52,3%	0,5%	2,0%	1,2%
Não respondeu	-	-	-	-	-	-

Quanto à contratação de novos empregados, 84,4% das empresas que participaram da pesquisa não pretendem contratar no 1º semestre de 2015. Na estratificação por porte, podemos destacar que as

de grande porte apresentam maior percentual de não pretende contratar empregados no 1º semestre de 2015 (91,7% das grandes ante 83,3% das pequenas e 84,5% das médias). Quando comparamos estes resultados com a mesma pergunta de pesquisas realizadas em dezembro de 2009 a 2014, temos um aumento gradativo do percentual de empresas que não pretendem contratar desde o início da série.

Tabela 7: Pretende contratar empregados no 1º semestre de 2015 – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Sim	15,5%	11,8%	8,3%	13,7%
Não	83,3%	84,5%	91,7%	84,4%
Não respondeu	1,2%	3,7%	0,0%	1,9%

Tabela 8: Pretende contratar empregados no 1º semestre – série histórica

	1º sem 2010	1º sem 2011	1º sem 2012	1º sem 2013	1º sem 2014	1º sem 2015
Sim	49,9%	40,8%	30,4%	27,6%	20,5%	13,7%
Não	47,4%	55,2%	65,8%	68,5%	76,8%	84,4%
Não respondeu	2,7%	4,0%	3,8%	3,9%	2,7%	1,9%

Quanto às expectativas em relação ao ano de 2015, 47,6% das empresas disseram estarem neutras, pretendendo manter os níveis de produção e emprego, 19,6% se disseram pessimistas pretendendo reduzir o nível de produção e emprego, 15,6% apontaram estarem otimistas pretendendo aumentar o nível de produção, mas manter o nível de emprego, 8,5% apontaram estarem otimistas e pretenderem aumentar tanto o nível de produção quanto o de emprego, e 7,5% apontaram estarem pessimistas e pretenderem reduzir a produção e manter o nível de emprego.

Tabela 9: Expectativa em relação ao ano de 2015 – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Otimista e pretende aumentar produção e emprego	8,3%	8,8%	8,3%	8,5%
Otimista e pretende aumentar produção e manter emprego	15,5%	16,2%	13,9%	15,6%
Neutra e pretende manter produção e emprego	43,7%	56,6%	41,7%	47,6%
Pessimista e pretende reduzir produção e manter emprego	7,5%	5,2%	16,7%	7,5%
Pessimista e pretende reduzir produção e emprego	23,0%	13,2%	19,4%	19,6%
Não respondeu	2,0%	0,0%	0,0%	1,2%

Quando comparamos com pesquisas realizadas em dezembro de 2012 e 2013, em relação às expectativas para os anos seguintes, temos um aumento gradual do percentual de empresas que se dizem neutras, pretendendo manter a produção e o emprego e uma redução do percentual das empresas que se dizem otimistas. No entanto, para 2015 aumentou também o percentual de empresas que se dizem pessimistas com redução de produção e emprego (19,6% para 2015, ante 8,1% para 2013 e 8,9% para 2014).

Tabela 10: Expectativa em relação ao ano – série histórica

	Expectativa para 2013	Expectativa para 2014	Expectativa para 2015
Otimista e pretende aumentar produção e emprego	22,3%	14,3%	8,5%
Otimista e pretende aumentar produção e manter emprego	28,1%	27,3%	15,6%
Neutra e pretende manter produção e emprego	36,9%	45,4%	47,6%
Pessimista e pretende reduzir produção e manter emprego	3,9%	3,3%	7,5%
Pessimista e pretende reduzir produção e emprego	8,1%	8,9%	19,6%
Não respondeu	0,7%	0,8%	1,2%

O 2º semestre de 2014 teve resultado muito pior que os 2º semestres dos anos anteriores, com mais da metade das empresas apontando piora geral dos negócios, do volume de produção e de vendas, o pior resultado da série iniciada em 2009. As expectativas para o 1º semestre de 2015 são de produção e vendas menores ou iguais aos do 1º semestre de 2014, com grande parte das empresas mantendo o quadro de empregados estável. No entanto, chama atenção que um quinto das empresas está bastante pessimista, pretendendo reduzir produção e emprego no próximo ano.

EXPECTATIVAS COM RELAÇÃO AO GOVERNO

Nesta pesquisa, fizemos novamente as mesmas questões que foram colocadas em janeiro de 2011, no início do 1º mandato da presidente Dilma Rousseff. A intenção era avaliar as mudanças nas expectativas da indústria paulista com relação a atitude do governo esperada em relação às questões de maior relevância para a indústria.

Para 50,9% das empresas que participaram da pesquisa, o novo governo federal não mudará nada o rumo do país, para 45,8%, mudará pouco e, para 2,4%, mudará bastante. Na comparação com a pesquisa anterior, temos um aumento do percentual de empresas que espera que o rumo do país não mudará nada (28,2% em janeiro de 2011 e 50,9% em dezembro de 2014)

Tabela 11: Efeito da mudança do governo federal sobre o rumo do país – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Mudará bastante	2,0%	1,5%	8,3%	2,4%
Mudará pouco	41,3%	52,9%	50,0%	45,8%
Não mudará nada	55,5%	45,6%	38,9%	50,9%
Não respondeu	1,2%	0,0%	2,8%	0,9%

Tabela 12: Efeito da mudança do governo federal sobre o rumo do país – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Mudará bastante	5,8%	2,4%
Mudará pouco	65,4%	45,8%
Não mudará nada	28,2%	50,9%
Não respondeu	0,6%	0,9%

Quanto aos negócios da empresa, 43,4% acreditam que a mudança do governo federal terá efeitos tímidos sobre eles. Para 36,1%, não fará diferença e, para 16,5%, terá um grande efeito. Na comparação com a pesquisa anterior, temos um percentual maior de empresas que esperam que o novo governo terá grande efeito sobre seus negócios (8,6% em janeiro de 2011 e 16,5% em dezembro de 2014).

Tabela 13: Efeito da mudança do governo federal sobre os negócios da empresa – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Grande efeito	19,4%	13,2%	8,3%	16,5%
Efeitos tímidos	38,9%	50,7%	47,2%	43,4%
Não fará diferença	37,7%	32,4%	38,9%	36,1%
Não respondeu	4,0%	3,7%	5,6%	4,0%

Tabela 14: Efeito da mudança do governo federal sobre os negócios da empresa – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Grande efeito	8,6%	16,5%
Efeitos tímidos	48,7%	43,4%
Não fará diferença	41,8%	36,1%
Não respondeu	0,9%	4,0%

A maioria das empresas acredita que o rumo do país não mudará nada, mas que o novo governo terá algum efeito (positivo ou negativo) sobre seus negócios. A seguir, analisaremos os efeitos da mudança do governo sobre diversas questões que afetam a economia e os negócios, a partir da atitude que as empresas acreditam que o novo governo terá. As respostas refletem o que as empresas acreditam que o governo efetivamente fará e não o que gostariam que o governo fizesse.

Para 79,2% das empresas, a atitude que o governo efetivamente terá em relação a inflação será o aumento da taxa de juros. Para 11,6%, a atitude tomada será o corte dos gastos públicos e, para 6,1%, o governo não tomará nenhuma medida. As expectativas apontadas pela pesquisa são bastante próximas às que as empresas tinham em janeiro de 2011 quanto ao controle da inflação.

Tabela 15: Atitude do governo em relação a inflação – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Não tomará medida	5,2%	7,3%	8,3%	6,1%
Aumentará a taxa de juros	81,3%	76,5%	75,0%	79,2%
Cortará os gastos públicos	10,3%	12,5%	16,7%	11,6%
Não respondeu	3,2%	3,7%	0,0%	3,1%

Tabela 16: Atitude do governo em relação a inflação – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Não tomará medida	6,0%	6,1%
Aumentará a taxa de juros	77,2%	79,2%
Cortará os gastos públicos	13,3%	11,6%
Não respondeu	3,5%	3,1%

Diante do atual nível de gastos públicos, 40,4% acreditam na redução dos gastos públicos, 28,1% acreditam que o governo manterá o mesmo nível de gastos e 25,6% acreditam no seu aumento. Mais especificamente, 25,5% acreditam que o governo reduzirá os gastos principalmente cortando o investimento público. Na comparação com a pesquisa anterior, temos um percentual menor de empresas que esperam o aumento dos gastos públicos, principalmente pelo aumento dos gastos com pessoal (18,4% em janeiro de 2011 e 9,2% em dezembro de 2014).

Tabela 17: Atitude do governo diante do atual nível de gastos públicos – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Reduzirá – aumento de eficiência	3,6%	2,9%	2,8%	3,3%
Reduzirá – gastos com pessoal	2,4%	0,0%	0,0%	1,4%
Reduzirá – gastos sociais	3,2%	3,7%	8,4%	3,8%
Reduzirá – investimento público	23,0%	28,7%	30,6%	25,5%
Reduzirá – outros gastos	5,5%	8,1%	5,5%	6,4%
Manterá	27,0%	29,4%	30,6%	28,1%
Aumentará – gastos com pessoal	11,5%	6,6%	2,8%	9,2%
Aumentará – gastos sociais	11,5%	8,1%	5,5%	9,9%
Aumentará – investimento público	0,8%	1,5%	0,0%	0,9%
Aumentará – outros gastos	6,3%	4,4%	5,5%	5,6%
Não respondeu	5,2%	6,6%	8,3%	5,9%

Tabela 18: Atitude do governo diante do atual nível de gastos públicos – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Reduzirá – aumento de eficiência	7,5%	3,3%
Reduzirá – gastos com pessoal	1,7%	1,4%
Reduzirá – gastos sociais	3,8%	3,8%
Reduzirá – investimento público	21,6%	25,5%
Reduzirá – outros gastos	4,9%	6,4%
Manterá	28,0%	28,1%
Aumentará – gastos com pessoal	18,4%	9,2%
Aumentará – gastos sociais	6,6%	9,9%
Aumentará – investimento público	1,2%	0,9%
Aumentará – outros gastos	2,0%	5,6%
Não respondeu	4,3%	5,9%

Quanto à carga tributária, 50,0% das empresas que participaram da pesquisa acreditam que o governo aumentará pouco, 24,5% acreditam que manterá o mesmo nível, 19,1% acreditam que aumentará muito, 4,0% acreditam que aumentará pouco e, 0,0%, que reduzirá muito. Em relação à pesquisa anterior, tivemos o aumento do percentual de empresas que esperam que o governo aumentará pouco e muito a carga tributária (32,9% e 4,0% em janeiro de 2011 e 50,0% e 19,1% em dezembro de 2014).

Tabela 19: Atitude do governo diante da atual carga tributária – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Reduzirá muito	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Reduzirá pouco	3,2%	5,9%	2,8%	4,0%
Manterá	23,4%	27,2%	22,2%	24,5%
Aumentará pouco	48,4%	52,2%	52,8%	50,0%
Aumentará muito	23,4%	11,8%	16,7%	19,1%
Não respondeu	1,6%	2,9%	5,5%	2,4%

Tabela 20: Atitude do governo diante da atual carga tributária – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Reduzirá muito	2,0%	0,0%
Reduzirá pouco	6,6%	4,0%
Manterá	51,6%	24,5%
Aumentará pouco	32,9%	50,0%
Aumentará muito	4,0%	19,1%
Não respondeu	2,9%	2,4%

Quanto ao custo e acesso a crédito, a principal atitude que será tomada pelo governo, para 17,2% das empresas, será a melhoria do acesso das pequenas empresas às linhas de crédito do BNDES, para 14,9%, melhorará as condições para que os bancos possam ofertar maior volume de crédito e, para 13,7%, o governo oferecerá mais linhas de crédito com incentivos para investimento. Quando comparamos com a pesquisa anterior, as três principais atitudes esperadas pelas empresas em relação ao crédito são as mesmas, o que chama atenção é o aumento do percentual de empresas que não responderam esta questão (25,7% em janeiro de 2011 e 44,1% em dezembro de 2014), indicando que as empresas não sabem muito o que esperar do novo governo nesta questão.

Tabela 21: Atitude do governo em relação ao custo e acesso a crédito – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Oferecerá mais linhas de crédito com incentivos para investimento	12,3%	13,2%	25,0%	13,7%
Oferecerá mais linhas de crédito com incentivos para capital de giro	5,9%	3,7%	8,3%	5,4%
Melhorará o acesso das pequenas empresas às linhas de crédito do BNDES	15,1%	22,8%	11,1%	17,2%
Melhorará as condições para que os bancos possam ofertar maior volume de crédito	16,3%	11,8%	16,7%	14,9%
Melhorará as condições para que os bancos possam ofertar crédito mais barato	4,8%	5,9%	0,0%	4,7%
Não respondeu	45,6%	42,6%	38,9%	44,1%

Tabela 22: Atitude do governo em relação ao custo e acesso a crédito – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Oferecerá mais linhas de crédito com incentivos para investimento	23,3%	13,7%
Oferecerá mais linhas de crédito com incentivos para capital de giro	7,2%	5,4%
Melhorará o acesso das pequenas empresas as linhas de crédito do BNDES	28,2%	17,2%
Melhorará as condições para que os bancos possam ofertar maior volume de crédito	11,0%	14,9%
Melhorará as condições para que os bancos possam ofertar crédito mais barato	4,6%	4,7%
Não respondeu	25,7%	44,1%

Quanto à tributação sobre a folha de pagamento, 72,9% acreditam que a atitude do novo governo será de manutenção do nível atual, 13,0% acreditam que o governo aumentará pouco, 5,6% que reduzirá pouco, 5,4% que aumentará muito, e 0,5% que reduzirá muito. Em relação à pesquisa anterior, cresceram os percentuais das empresas que esperam manutenção e aumento (muito ou pouco aumento) da tributação sobre a folha e caiu o percentual das empresas que esperam redução (muita ou pouca redução).

Tabela 23: Atitude do governo em relação a tributação sobre a folha de pagamento – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Reduzirá muito	0,4%	0,7%	0,0%	0,5%
Reduzirá pouco	7,5%	3,7%	0,0%	5,6%
Manterá	68,3%	78,7%	83,3%	72,9%
Aumentará pouco	15,5%	8,8%	11,1%	13,0%
Aumentará muito	7,1%	2,9%	2,8%	5,4%
Não respondeu	1,2%	5,2%	2,8%	2,6%

Tabela 24: Atitude do governo em relação a tributação sobre a folha de pagamento – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Reduzirá muito	1,2%	0,5%
Reduzirá pouco	18,7%	5,6%
Manterá	64,3%	72,9%
Aumentará pouco	8,6%	13,0%
Aumentará muito	2,3%	5,4%
Não respondeu	4,9%	2,6%

Diante da taxa de câmbio, para 49,1% das empresas, o governo tomará medidas, mas o real se desvalorizará pouco. Para 16,3%, o governo tomará medidas e o real se desvalorizará muito. Para 11,5%, o governo manterá a taxa de câmbio baixa e volátil e, para 11,1%, manterá a taxa de câmbio baixa, mas menos volátil. Quando comparamos com a pesquisa anterior, embora a principal atitude esperada esteja relacionada a uma pequena desvalorização do real, aumentou o percentual de empresas que espera que o real desvalorizará muito (4,6% em janeiro de 2011 e 16,3% em dezembro de 2014).

Tabela 25: Atitude do governo diante da taxa de câmbio – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Manterá a taxa de câmbio baixa e volátil	12,3%	9,6%	13,9%	11,5%
Manterá a taxa de câmbio baixa, mas menos volátil	10,3%	14,7%	2,8%	11,1%
Tomará medidas, mas o real se desvalorizará pouco	45,6%	52,2%	61,1%	49,1%
Tomará medidas e o real se desvalorizará muito	16,7%	14,0%	22,2%	16,3%
Não respondeu	15,1%	9,5%	0,0%	12,0%

Tabela 26: Atitude do governo diante da taxa de câmbio – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Manterá a taxa de câmbio baixa e volátil	17,9%	11,5%
Manterá a taxa de câmbio baixa, mas menos volátil	16,4%	11,1%
Tomará medidas, mas o real se desvalorizará pouco	57,1%	49,1%
Tomará medidas e o real se desvalorizará muito	4,6%	16,3%
Não respondeu	4,0%	12,0%

Em relação aos investimentos fixos e em inovação, 45,7% das empresas que participaram da pesquisa acreditam que o governo manterá o mesmo nível de incentivos, 18,6% acreditam que reduzirá pouco, 14,9% que aumentará pouco, 9,0% que reduzirá muito, e 0,7% que aumentará muito. Em relação à pesquisa anterior, cresceu o percentual das empresas que esperam redução (muita ou pouca redução) e caíram os percentuais das empresas que esperam manutenção e aumento (muito ou pouco aumento).

Tabela 27: Atitude do governo em relação aos incentivos aos investimentos fixos e em inovação – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Reduzirá muito	11,1%	5,2%	8,3%	9,0%
Reduzirá pouco	18,2%	16,9%	27,8%	18,6%
Manterá	41,7%	53,0%	47,2%	45,7%
Aumentará pouco	15,5%	15,4%	8,4%	14,9%
Aumentará muito	0,8%	0,7%	0,0%	0,7%
Não respondeu	12,7%	8,8%	8,3%	11,1%

Tabela 28: Atitude do governo em relação aos incentivos aos investimentos fixos e em inovação – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Reduzirá muito	3,5%	9,0%
Reduzirá pouco	9,8%	18,6%
Manterá	55,9%	45,7%
Aumentará pouco	23,1%	14,9%
Aumentará muito	1,4%	0,7%
Não respondeu	6,3%	11,1%

Quanto ao custo da energia elétrica, 71,5% das empresas acreditam que o governo aumentará a tributação sobre a energia elétrica, elevando seu custo, 9,7% que o governo investirá na construção de hidrelétricas, o que elevará o custo da energia elétrica, 3,3% que o governo investirá na construção de hidrelétricas, o que reduzirá o custo da energia elétrica, e 2,8% que o governo reduzirá a tributação sobre

a energia elétrica, reduzindo seu custo. Quando comparamos com a pesquisa anterior, temos um grande aumento do percentual de empresas que acreditam que o governo aumentará a tributação sobre a energia elétrica (30,8% em janeiro de 2011 e 71,5% em dezembro de 2014).

Tabela 29: Atitude do governo em relação ao custo da energia elétrica – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Investirá na construção de hidrelétricas, levando ao aumento do custo da energia elétrica	9,1%	10,3%	11,1%	9,7%
Investirá na construção de hidrelétricas, levando a queda do custo da energia elétrica	3,6%	2,9%	2,8%	3,3%
Reduzirá a tributação sobre a energia elétrica, reduzindo seu custo	1,2%	5,9%	2,8%	2,8%
Aumentará a tributação sobre a energia elétrica, elevando seu custo	74,2%	66,9%	69,4%	71,5%
Não respondeu	11,9%	14,0%	13,9%	12,7%

Tabela 30: Atitude do governo em relação ao custo da energia elétrica – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Investirá na construção de hidrelétricas, levando ao aumento do custo da energia elétrica	30,0%	9,7%
Investirá na construção de hidrelétricas, levando a queda do custo da energia elétrica	18,7%	3,3%
Reduzirá a tributação sobre a energia elétrica, reduzindo seu custo	6,9%	2,8%
Aumentará a tributação sobre a energia elétrica, elevando seu custo	30,8%	71,5%
Não respondeu	13,6%	12,7%

Em relação ao custo de logística, 63,7% das empresas acreditam que a atitude do governo será o aumento da tributação sobre os combustíveis e 10,1% que será o aumento do valor dos pedágios. Em relação à pesquisa anterior, aumentou o percentual das empresas que esperam o aumento da tributação sobre os combustíveis (15,0% em janeiro de 2011 e 63,7% em dezembro de 2014) e reduziram os percentuais das empresas que esperam aumento dos pedágios (22,8% em janeiro de 2011 e 10,1% em dezembro de 2014) e redução do valor do uso dos portos (13,5% em janeiro de 2011 e 1,9% em dezembro de 2014).

Tabela 31: Atitude do governo em relação ao custo de logística – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Reduzirá o valor dos pedágios	0,8%	0,0%	0,0%	0,5%
Aumentará o valor dos pedágios	10,3%	8,8%	13,9%	10,1%
Reduzirá o valor do uso dos portos	1,6%	2,2%	2,8%	1,9%
Aumentará o valor do uso dos portos	5,1%	3,0%	0,0%	4,0%
Reduzirá o custo do transporte aéreo	0,4%	0,0%	5,6%	0,7%
Aumentará o custo do transporte aéreo	1,2%	0,7%	0,0%	0,9%
Reduzirá a tributação sobre os combustíveis	0,8%	4,4%	0,0%	1,9%
Aumentará a tributação sobre os combustíveis	65,1%	62,5%	58,3%	63,7%
Não respondeu	14,7%	18,4%	19,4%	16,3%

Tabela 32: Atitude do governo em relação ao custo de logística – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Reduzirá o valor dos pedágios	2,9%	0,5%
Aumentará o valor dos pedágios	22,8%	10,1%
Reduzirá o valor do uso dos portos	13,5%	1,9%
Aumentará o valor do uso dos portos	6,6%	4,0%
Reduzirá o custo do transporte aéreo	1,2%	0,7%
Aumentará o custo do transporte aéreo	3,7%	0,9%
Reduzirá a tributação sobre os combustíveis	6,1%	1,9%
Aumentará a tributação sobre os combustíveis	15,0%	63,7%
Não respondeu	28,2%	16,3%

A atitude que o governo terá diante da concorrência com produtos informais, para 51,9% das empresas será a manutenção do nível atual de fiscalização. Para 14,2%, o governo aumentará a fiscalização dentro do país, para 12,7%, aumentará a fiscalização na entrada de produtos estrangeiros, para 7,8%, facilitará a formalização de produtores e comerciantes nacionais e, para 3,3%, facilitará a formalização de produtos estrangeiros informais. Quando comparamos com a pesquisa anterior, temos um aumento do percentual de empresas que esperam a manutenção do nível atual de fiscalização (42,1% em janeiro de 2011 e 51,9% em dezembro de 2014).

Tabela 33: Atitude do governo diante da concorrência com produtos informais – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Manterá a fiscalização atual	50,8%	53,0%	55,5%	51,9%
Aumentará a fiscalização dentro do país	13,5%	16,2%	11,1%	14,2%
Aumentará a fiscalização na entrada de produtos estrangeiros	12,7%	13,2%	11,1%	12,7%
Facilitará a formalização de produtores e comerciantes nacionais	7,1%	8,1%	11,1%	7,8%
Facilitará a formalização de produtos estrangeiros informais	4,4%	0,7%	5,6%	3,3%
Não respondeu	11,5%	8,8%	5,6%	10,1%

Tabela 34: Atitude do governo diante da concorrência com produtos informais – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Manterá a fiscalização atual	42,1%	51,9%
Aumentará a fiscalização dentro do país	20,2%	14,2%
Aumentará a fiscalização na entrada de produtos estrangeiros	17,9%	12,7%
Facilitará a formalização de produtores e comerciantes nacionais	11,2%	7,8%
Facilitará a formalização de produtos estrangeiros informais	4,3%	3,3%
Não respondeu	4,3%	10,1%

No tema de meio ambiente, são barreiras para o crescimento do negócio das empresas a dificuldade do processo de licenciamento ambiental e os custos relacionados ao cumprimento das normas e regulamentação ambiental. Quanto a isto, 52,8% acreditam que a atitude do governo será de manter o processo de licenciamento ambiental como está, 14,9% acreditam que aumentará os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais, 9,7% que manterá estes custos, 8,7% que dificultará o processo de licenciamento ambiental. Em relação à pesquisa anterior, podemos destacar o aumento do percentual de empresas que acreditam que o novo governo manterá o processo com está (41,8% em janeiro de 2011 e 52,8% em dezembro de 2014) e de empresas que acreditam que haverá aumento dos custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais (10,7% em janeiro de 2011 e 14,9% em dezembro de 2014).

Tabela 35: Atitude do governo em relação ao processo de licenciamento ambiental e às normas e regulamentação ambientais – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Manterá o processo de licenciamento ambiental como está	50,8%	58,1%	47,2%	52,8%
Dificultará o processo de licenciamento ambiental	7,9%	7,4%	19,4%	8,7%
Facilitará o processo de licenciamento ambiental	4,0%	4,4%	5,6%	4,2%
Manterá os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais	8,7%	11,0%	11,1%	9,7%
Reduzirá os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais	1,6%	0,0%	5,6%	1,4%
Aumentará os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais	18,3%	10,3%	8,3%	14,9%
Não respondeu	8,7%	8,8%	2,8%	8,3%

Tabela 36: Atitude do governo em relação ao processo de licenciamento ambiental e às normas e regulamentação ambientais – série histórica

	Janeiro de 2011	Dezembro de 2014
Manterá o processo de licenciamento ambiental como está	41,8%	52,8%
Dificultará o processo de licenciamento ambiental	20,4%	8,7%
Facilitará o processo de licenciamento ambiental	9,2%	4,2%
Manterá os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais	9,8%	9,7%
Reduzirá os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais	0,9%	1,4%
Aumentará os custos associados ao cumprimento de normas e regulamentações ambientais	10,7%	14,9%
Não respondeu	7,2%	8,3%

Em suma, a principal crença é a de que o rumo do país mudará pouco ou não mudará, mas que, mesmo assim, o novo governo terá impacto (positivo ou negativo) sobre os negócios da empresa. Isso contrasta com a pesquisa realizada em janeiro de 2011, quando, apesar de pequeno, o efeito da mudança de governo parecia ser mais esperado sobre o rumo do país que sobre a empresa.

Quanto à atitude do governo sobre questões econômicas, a maioria das empresas acredita que o governo controlará a inflação com o aumento da taxa de juros, no entanto, boa parte das empresas acredita que o governo reduzirá os gastos públicos, o que é bastante próximo ao que era esperado em janeiro de 2011. Nesta pesquisa, no entanto, espera-se uma maior desvalorização do real frente ao dólar.

O que ficou mais contrastante com a pesquisa realizada no início do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff é o fato das empresas estarem esperando agora maior aumento da carga tributária e redução de incentivos. Os aumentos de tributos devem encarecer, segundo a pesquisa, a energia elétrica, os combustíveis, o cumprimento das normas e regulamentações ambientais e até, em menor escala, a folha de pagamentos. Por outro lado, espera-se menos incentivos para investimentos fixos e inovação, e boa parte das empresas não sabe o que esperar em relação ao custo e ao acesso a crédito.

AUMENTO DOS CUSTOS DE ENERGIA ELÉTRICA

Para 30,7% das empresas que participaram da pesquisa, o peso do gasto com eletricidade no custo final dos produtos é de até 2,5%. Para 24,8%, ele é entre 2,6% e 5,0% do custo final. Para 14,9%, é entre 5,1% e 7,5% e, para 25,1%, o peso é de mais de 7,5%.

Tabela 37: Peso do gasto com eletricidade no custo final dos produtos – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Até 2,5%	30,2%	33,8%	22,2%	30,7%
Entre 2,6% e 5,0%	22,6%	28,7%	25,0%	24,8%
Entre 5,1% e 7,5%	13,5%	15,4%	22,2%	14,9%
Entre 7,6% e 10,0%	11,1%	7,4%	2,8%	9,2%
Entre 10,1% e 12,5%	5,9%	4,4%	5,6%	5,4%
Entre 12,6% e 15,0%	5,2%	2,2%	5,6%	4,2%
Entre 15,1% e 17,5%	2,0%	0,0%	5,5%	1,6%
Entre 17,6% e 20,0%	2,8%	3,7%	5,5%	3,3%
Mais de 20%	0,8%	2,2%	2,8%	1,4%
Não respondeu	5,9%	2,2%	2,8%	4,5%

Das empresas que participaram da pesquisa, 46,5% sentiram um pequeno aumento dos preços da eletricidade nos últimos meses, 41,0% sentiram um forte aumento dos preços e 9,9% não sentiram

aumento de preços. As empresas que mais sentiram o aumento dos preços de eletricidade foram as de grande porte (52,8% das grandes sentiram forte aumento de preços ante 37,7% das pequenas e 44,1% das médias).

Tabela 38: A empresa tem sentido aumento de preço da eletricidade nos últimos meses – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Não sentiu aumento de preços	10,7%	7,4%	13,9%	9,9%
Sentiu pequeno aumento de preços	48,8%	46,3%	30,5%	46,5%
Sentiu forte aumento de preços	37,7%	44,1%	52,8%	41,0%
Não respondeu	2,8%	2,2%	2,8%	2,6%

O aumento dos custos da eletricidade nos últimos meses não teve impacto sobre o volume de produção de 54,9% das empresas, 31,6% sentiram um pequeno impacto e 10,4% sentiram um forte impacto no volume produzido.

Tabela 39: Impacto do aumento dos custos da eletricidade nos últimos meses sobre o volume de produção da empresa – por porte

	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Total das empresas
Não houve impacto	52,8%	59,6%	52,8%	54,9%
Houve pequeno impacto	33,3%	30,1%	25,0%	31,6%
Houve forte impacto	9,9%	8,8%	19,4%	10,4%
Não respondeu	4,0%	1,5%	2,8%	3,1%

Apesar dos gastos de energia elétrica representarem até 7,5% dos custos finais dos produtos de 70,4% das empresas que responderam a pesquisa, 41,0% destas vêm sentindo um forte aumento de preço da eletricidade, o que já impactou fraca ou fortemente o volume de produção de 42,0% das empresas.